

# RÁDIO: UMA FERRAMENTA INTERATIVA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

<sup>1</sup>Camilla de Paula Uzam, <sup>1</sup>Carina Martini, <sup>1</sup>Alan Almario, <sup>1</sup>Camila Soares

<sup>1</sup> Universidade Ibirapuera  
Av. Interlagos, 1329 – São Paulo/SP  
camilla.uzam@ibirapuera.edu.br

---

## Resumo

O presente trabalho tem o anseio de apresentar o rádio como uma ferramenta de apoio no processo de ensino-aprendizagem. Para isso, um pequeno histórico será traçado como objetivo de mostrar o rádio como veículo de comunicação de massa e sua importância na difusão da educação brasileira. Com o surgimento de novas tecnologias da comunicação, a informação e o conhecimento extrapolam a internet, as redes e outras tecnologias. Pensando nisso, o rádio pode ajudar pedagogicamente tanto o professor como o aluno no processo de ensino-aprendizagem, transformando-os em proativos na construção do conhecimento. É necessário tornar evidente as contribuições do rádio no ensino-aprendizagem.

**Palavras chaves:** Didática, Educação, Ferramentas Interativas, Rádio.

## Abstract

This present study has the yearning to show the radio as a support tool in the teaching-learning process. For this purpose a little history was traced with the aim to show us the radio as a mass communication vehicle and its importance in the dissemination of Brazilian education. With the emergence of new communication technologies, the information and the knowledge go beyond the internet, networks and others technologies. So, front of these facts above, the radio can help pedagogically both the teacher and student in the teaching- learning process, becoming them into proactive in the construction of knowledge. It is necessary to make clear the contributions of radio in the teaching- learning.

**Keywords:** didactic, education, interactive tools, radio

## 1. INTRODUÇÃO

Desde sua invenção, o rádio tem como principal característica disseminar informação, entreter, oferecer música, previsão do tempo e até mesmo enviar notícias para os locais mais remotos, exercendo um papel importante na vida tanto dos grandes como dos pequenos centros urbanos. Mesmo diante tantos avanços tecnológicos, o rádio, ainda continua exercendo influência na opinião pública, pois ele é onipresente no cotidiano mesmo com a chegada de novos recursos tecnológicos. Por outro lado, é sabido que muitas rádios são utilizadas apenas para fins comerciais, quando também poderiam ser aproveitadas para fins educativos e culturais, o que certamente poderá trazer grandes contribuições para o ambiente escolar. O rádio no processo educacional consiste numa ferramenta que se explorada de diversas metodologias a integrar os educadores e educandos num ambiente reflexivo e de pesquisa, possibilita a construção de uma educação em que o ensino-aprendizagem se torna mais dinâmico possibilitando a troca de experiências.

## 2. O RÁDIO COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO

O rádio nasce por um mosaico de contribuições científicas que resultaram na possibilidade de transmissão a distância da voz humana por meio de ondas eletromagnéticas. Benjamin Franklin, em 1752, aprimorou os estudos sobre a eletricidade. Claude Chappe, em 1790, apontou com o telégrafo de sinais. Samuel Morse, em 1844, avançou com o telégrafo elétrico. Daniel Ruhmkoff, em 1850, apresentou o primeiro emissor de ondas eletromagnéticas. Alexander Graham Bell, em 1876, criou o telefone. Heinrich Rudolf Hertz, em 1887, iniciou a propagação com as ondas hertzianas. Roberto Landell de Moura, em 1892, montou um aparelho apropriado para a transmissão da palavra a distância através do espaço, segundo a patente de número 3.279, só liberada em 1900. O mesmo trabalho também foi registrado por Guglielmo Marconi, em 1896, que enviou mensagem falada da Inglaterra à França. Ambos conceberam a radiotelegrafia. Reginald Aubrey Fessenden, em

1906, aplicou os princípios básicos da transmissão em amplitude modulada. Entre esses nomes, muitos outros pesquisadores, registrados na literatura nacional e estrangeira, participaram com teorias e impulsionaram com experiências o início da radiodifusão.

E quando a tecnologia acima se fez disponível no Brasil, por meio da fundação da primeira emissora regular de rádio do País, chamada Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, a curiosidade que se instalou na sociedade foi “mas o que será transmitido?”

“Conferências científicas, música erudita e análise dos fatos políticos e econômicos marcam, deste modo, as primeiras transmissões da Rádio Sociedade do Rio Janeiro. Intelectuais e cientistas estrangeiros em visita ao Brasil falam ao microfone da primeira emissora do País. É o que ocorre quando o físico alemão Albert Einstein ou o poeta e ensaísta Fillippo Tommaso Marinetti (criador do movimento futurista) vêm ao Brasil.” (FERRARETTO, p.98)

A programação também contava com aulas de português, inglês, francês, física, química e história que eram ministradas por professores que atuavam em renomadas escolas da cidade. Pode-se observar que é pelo olhar da educação e da cultura que o rádio começa a dar seus primeiros passos orientados pelos sócios Henri Morize e Edgard Roquette-Pinto que idealizaram o slogan da emissora “trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil”.

O primeiro, Henri Morize, era engenheiro, professor, astrônomo, diretor da Academia Brasileira de Ciências e do Observatório Nacional hoje subordinado ao Ministério da Ciência e Tecnologia.

O segundo, Roquette-Pinto ficou conhecido como o “pai do rádio” e mostram os relatos que de todos os títulos, o que mais ele se orgulhava era o de professor. Mas foi antropólogo, médico, poeta, compositor, diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro e autor de obras relevantes como “Rondônia” que é resultado de sua presença em uma das expedições com Marechal Rondon. Neste livro, ele pode ser também notado como historiador, geógrafo e principalmente etnólogo por meio do estudo do povo indígena nas selvas da Serra do Norte. Roquette-Pinto também foi um grande parceiro do projeto Rádio Escola Municipal do Rio de Janeiro apoiado por Fernando de Azevedo e posteriormente pelo educador Anísio Teixeira. As escolas tinham acesso a um conjunto de programação radiofônica entre as quais “A Hora Infantil” e o “Jornal dos Professores” que beneficiavam não somente seus alunos, mas também seus familiares. Segundo artigo publicado por Nelson Ferreira, em 1936, no Boletim Oficial da Casa do Estudante do Brasil, a metodologia dessas transmissões iniciavam com uma exposição de conteúdos em linguagem acessível ao público infantil. GILIOLI (2008, p.320) transcreve:

“(...) formulam as professoras questões relativas ao ponto explicado e pedem a todos os pequenos ouvintes que escrevam respondendo a essas questões, trabalhos ilustrados, verdadeiras pequenas monografias, para cuja composição deverão, como fazem os adultos, consultar livros, revistas, publicações, pedindo mesmo o conselho das professoras locais e de outras pessoas competentes. Os alunos da Rádio Escola Municipal escrevem assim minúsculos tratados sobre os assuntos que ouvem. (...) As composições são enviadas à Rádio Escola, e todas analisadas pelo microfone fazendo as professoras a apreciação e a crítica de cada qual.”

Junto a essas iniciativas da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e da Rádio Escola Municipal, muitas outras emissoras foram fundadas durante os anos 20 e 30, gerando um período de implantação e estruturação dos sistemas por todo o território brasileiro. E dentro deste cenário

crescente, o governo Getúlio Vargas autorizou, em 1932, a entrada da publicidade no rádio o que impulsionou novos olhares comerciais. Se por um lado, este decreto gerou um confronto com os princípios educacionais do meio, por outro alavancou o aperfeiçoamento das produções, regulamentou a profissão dos que atuavam no setor e colaborou para a classificação que temos de radiodifusão hoje: a comercial, a comunitária e a educativa.

O rádio proporcionou a todos os seus ouvintes uma era conhecida como a de ouro entre os anos 40 e 50. Os gêneros apresentados na programação passaram a contar com grandes músicos, cantores, sonoplastas, concursos, humoristas, roteiristas, produtores, diretores e principalmente ideias criativas para novos e atraentes formatos que paralisavam a população. As potencialidades e particularidades do meio começaram a ser exploradas e o rádio continuou, de uma maneira também informal, sua trilha educacional. A principal justificativa para essa afirmação é o poder da linguagem oral enraizada nas estruturas deste meio. A linguagem oral é falada, coloquial, objetiva, simples no uso do vocabulário, porém respeitando as normas cultas. A voz pode ser enriquecida por música, efeitos e silêncio que fortalecem e facilitam a compreensão da comunicação da mensagem. Considerando a problematização com os altos índices de analfabetismo no Brasil, o rádio sempre exerceu um papel fundamental nessa questão pelas características supramencionadas. Segundo matéria publicada pela Revista Veja, em 29/01/2014:

“36 milhões de adultos analfabetos na América Latina, 38,5% são brasileiros. São cerca de 14 milhões de pessoas num país que abriga 34,2% da população latino-americana. O dado levantado entre 2005 e 2011 consta do relatório Educação Para Todos, divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).” (BIBIANO, 2014).

Do passado aos dias atuais, os números sempre foram relevantes. E Roquette-Pinto profetizava:

“O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; é o consolador dos enfermos; o guia dosãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado.” (TAVARES, 1999, apud Roquette-Pinto)

Outra característica do meio, com forte interferência na informalidade da educação, é o poder imagético reconhecido tecnicamente como sensorialidade que fica em mais evidência a partir do surgimento das radionovelas e dos radioteatros. Em 1941, “Em busca da felicidade” abriu caminho para “O direito de nascer”, “Fatalidade”, “Uma escada para o céu”, “Presídio de mulheres”, “A predestinada”, “Acusação injusta”, “ingratidão”, “O céu está chorando” e muitas outras ao longo da história que deixaram ruas vazias em seus horários de veiculação, pois as famílias estavam juntas em seus lares, diante de um mesmo aparelho, acompanhando a programação. Os correios ficavam lotados, diariamente, com cartas dos ouvintes estimulados pela imaginação, reflexão, inspiração, sonhos e pela necessidade de compartilhar experiências sentidas e revividas por meio dos conteúdos das radionovelas.

A peça radiofônica é, substancialmente, palavra. Ruídos e sons apenas contribuem para despertar imagens. Por ser impossível “reproduzir uma ação externa visível”, o ator radiofônico conta somente “com a possibilidade de comover interiormente.” Usa a voz para suscitar sensações e emoções. Não se dirige a uma massa, mas fala com o ouvinte, com cada um, isoladamente. Embora o rádio possa contribuir para uma experiência coletiva, seus efeitos são essencialmente “individuais, isto é, o rádio leva para a vivência isolada.” (MARTINS, 1999, p.50).

No exterior, os efeitos educacionais da radionovela também são evidentes. O Canal A da Rádio Nacional de Angola, por exemplo, apresentou há anos “Camatondo” que reproduz, com fidelidade, questões atuais de interfe-

rência direta nas aldeias da região como AIDS (SIDA), preconceito, malária, civismo e surto da gripe A (H1N1). Uma das personagens principais, Belita Pequena, foi representada pela atriz CHIVUNDA que relata:

“Posso dizer com todas as letras que Camatondo é uma escola não só para a comunidade rural, mas para sociedade em geral, porque retrata sinceramente a vida de todos angolanos. Eu não sabia que esta radionovela tinha tanto impacto, mas quando fui ao Road Show na província de Malange, vi que havia uma praça com nome de Camatondo e algumas pessoas tinham apelidos de personagens da novela e tudo de acordo com o caráter da pessoa. Camatondo é nossa cultura.”

O formato radionovela, no âmbito educacional, pode tanto ser utilizado desta forma que desenvolve o imaginário do ouvinte, ou ainda como proposta das escolas em que os alunos escrevam roteiros, produzam e gravem histórias que despertem a cidadania, a conscientização, a instrumentalização, a aplicação da língua portuguesa, a adequação de vocabulário, a criatividade, a comunicação inter e intrapessoal entre outros. CONSANI (2010, p.93) completa quanto às vantagens de trabalharmos com a radionovela na sala de aula:

“versatilidade da produção, que pode ser tematizada sobre conteúdos de todas as disciplinas da grade curricular; integração de todos os recursos da radiofonia como música, sonoplastia, texto, interpretação e edição de áudio; estilo normalmente coloquial do texto que facilita a expressão escrita; ludicidade que propicia uma maior desenvoltura dos participantes na expressão oral; proximidade direta com a Literatura que é um componente obrigatório do currículo de línguas; similaridade com as formas midiáticas conhecidas da maioria dos jovens (novelas, filmes), o que facilita a interação num primeiro momento, apesar do risco de resvalar para o clichê.”

Ainda no gênero entretenimento, outros formatos como os programas musicais e de variedade podem agregar valores à educação. Da época de ouro aos dias atuais, os principais artistas ou cartazes como eram chamados, sempre ganharam a projeção desejada porque apresentavam suas canções no rádio: um dos meios mais populares, de alta penetração e abrangência que alimenta uma relação ampla com a musicalidade e sua linguagem artística.

“Pelo viés pedagógico, a música é considerada um poderoso recurso por facilitar a expressão emotiva do indivíduo de maneira lúdica, além de estimular a sensibilidade e a percepção do meio. Criar a própria programação musical e executá-la para um público ouvinte, mesmo que seja só dentro dos muros da escola, é uma atividade extremamente motivante para a maioria dos alunos. Ela exige que desenvolvam habilidades para sistematizar o trabalho, dividir decisões e pesquisar material. Dentro desta proposta, pode-se dizer que todas as disciplinas do currículo e temas transversais (aglutinados pela pluralidade cultural) podem ser contemplados por uma programação musical temática” (CONSANI, p.97)

Na mesma linha de trabalho, o noticiário radiofônico que surgiu no Brasil por meio do Repórter Esso, também aproxima ouvintes da realidade dos acontecimentos da sociedade. E dentro dos ambientes escolares, quando elaborados pelos alunos permite o direito de liberdade de expressão, a investigação, a autonomia por meio da seleção e produção de conteúdos, o desenvolvimento do senso crítico, a leitura midiática, a compreensão da função dos meios de comunicação e sua utilidade pública. Não somente o radiojornal citado acima, mas outros formatos jornalísticos como mesa redonda, debates, documentários e programa esportivo podem ter o mesmo papel na educação.

Frente a tantas possibilidades do uso do rádio como uma ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, GARDNER (1998), associou diversas habilidades humanas ao uso do rádio como veículo para desenvolvê-las.

Tabela 1: Como trabalhar as múltiplas inteligências usando o rádio como ferramenta (GARDNER, 1998).

HABILIDADES	Como trabalhar estas inteligências utilizando o rádio como ferramenta no processo ensino-aprendizagem.
Linguística	Esta inteligência poderá ser explorada com muito êxito através do rádio na escola, no momento em que os alunos começarem a produzir os roteiros radiofônicos com a preocupação de escrever aquilo que eles irão falar, não resta dúvida que o desenvolvimento do exercício da linguística estará presente e o processo de aprendizagem terá um rendimento maior.
Lógico-matemática	A Inteligência lógico-matemática poderá ser trabalhada quando na ocasião da elaboração das pautas, onde será exigida do
	discente a estruturação, hierarquização e síntese das coisas. Isto fará com que o aluno exercite também a organização dimensionando os assuntos em pauta dentro de um determinado espaço de tempo.
Espacial	Na escola os alunos poderão trabalhar com a criação de radionovela, sociodrama, contos e fábulas e inúmeros recursos que por sua vez, conduzirá ao exercício do pensamento, dando imagem e formas aos assuntos narrados estimulado cada vez mais a criatividade.
Musical	Neste tipo de inteligência o Rádio proporciona aos alunos os mais variados recursos sonoros que servirão como uma forma lúdica de ensino-aprendizagem. Eles poderão estar escolhendo e compondo suas próprias músicas, promovendo festivais da canção, criando vinhetas, imitando sons de animais e inevitavelmente o aprendizado será mais prazeroso.
Corporal-cinestésica	Para melhor explorar este tipo de inteligência será necessário não se limitar o aprendizado a apenas o giz e o quadro negro, enquanto que a utilização dos recursos das novas tecnologias, a exemplo o rádio permitirá o contato e manuseio dos equipamentos estimulando cada vez mais o aluno.
Intrapessoal	O exercício de falar ao microfone faz com que o aluno adquira mais auto-estima, perderá aos poucos a timidez, em pouco tempo estará adotando uma atitude cooperativa e solidária.
Interpessoal	No campo das relações interpessoais os alunos estarão sempre trabalhando em grupo na elaboração de programas radiofônicos, aprende-se melhor através da interação, da cooperação com os outros, sempre respeitando as diferenças individuais.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muitas outras possibilidades de usar o rádio como ferramenta de aprendizagem na escola e fora dela, partindo sempre da premissa que o som provoca alterações físicas, intelectuais e emocionais. A aproximação com a tecnologia, a criação de espaços dialógicos que contribuem para a formação interdisciplinar dos alunos, a coo-

peração e as relações sociais também são questões vinculadas as particularidades e peculiaridades do rádio na vida de seus ouvintes ou produtores de conteúdos. Entretanto, para que esse tipo de ação seja realizada, os professores, os coordenadores e as diretorias devem elaborar um projeto com objetivos claros e relacionados aos planos de ensino, contemplando toda a infraestrutura e conhecimentos necessários para a adequação de todo o processo. Ao propormos uma metodologia interativa que desvincule o aluno dos métodos tradicionais baseados na memorização de informações é onde surge o rádio com toda a sua riqueza de recursos e peculiaridades despertando no aluno um interesse maior pelo aprendizado. Paulo Freire (2003, p. 47), dizia que “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

#### 4.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBIANO, Bianca. Unesco: 38% dos analfabetos latino-americanos são brasileiros. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/unesco-38-dos-analfabetos-latino-americanos-sao-brasileiros>>. Acesso em: 6 dezembro 2014.

BLOIS, Marlene. Rádio Educativo no Brasil: uma história em construção. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Belo Horizonte - MG, 2003.

CHIVUNDA, Arlete Elisa. Actores de Camatondo. Disponível em <<http://camatondo.blogspot.com.br/p/actores-de-camatondo.html>>. Acesso em: 6 dezembro 2014.

CONSANI, Marciel. Como usar o rádio na sala de aula. São Paulo, São Paulo: Editora Contexto, 2010.

FERRARETTO, Luiz Arthur. No ar rádio: o veículo, a histó-

ria e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

FREIRE, P. PEDAGOGIA DA AUTONOMIA - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FUKS, Hugo ET AL. O modelo de colaboração 3C no ambiente Aula Net. Informática na Educação: Teoria e Prática, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 25-48, 2004. Disponível em: <http://ritv.les.inf.puc-rio.br> Acesso em: 19 nov. 2014.

GARDNER, Howard. Inteligências – múltiplas perspectivas. Editora Artes Médicas, 1998.

GILIOLI, Renato de Sousa Porto. Educação e cultura no rádio brasileiro: concepções de radioescola em Roquette -Pinto. Tese apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2008.

MARTINS, Fábio. Senhores ouvintes, no ar...a cidade e o rádio. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.

PRADO, Magaly. História da rádio no Brasil. São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

TAVARES, Reynaldo. Histórias que o rádio não contou. São Paulo: Editora Harbra, 1999.